

EDITORIAL

70 ANOS GRAMSCI

PASCHOALINO, Jussara Bueno de Queiroz¹
PINTO, Odil de Lara²

Trabalho & Educação rende, através do presente número, uma singela homenagem aos setenta anos da morte de Antonio Gramsci (22 de janeiro de 1891 – 27 de abril de 1937), dirigente e fundador do Partido Comunista Italiano.

Gramsci, ao nascer de Francisco Gramsci como o quarto de sete filhos, numa família burguesa em Ales, na Sardenha, experimentou na adolescência a miséria dos pastores e camponeses de sua ilha, marcas indelévels na sua formação e caráter. Aos 17 anos obtém, por concurso, uma bolsa para cursar a Universidade de Turim que, no convívio com a classe operária, ingressa em 1913 no partido socialista italiano.

Em 1920, sempre visando à criação de um partido revolucionário da classe operária, o proletariado de Turim juntamente com os operários agrícolas das províncias, eclodem em greve dirigida por Gramsci que, opondo-se às tentativas de caráter reformista, intenta um movimento revolucionário na perspectiva de uma luta da classe operária pelo poder. Em 21 de janeiro de 1921, Gramsci e outros companheiros comunistas, fundam o Partido Comunista Italiano.

Gramsci, como dirigente do grupo comunista na Câmara dos Deputados, denunciava, através da sua *Análise da situação da Itália em 1926*, a atividade criminosa do governo fascista colocando em evidência a ajuda financeira do imperialismo americano a Mussolini. Como consequência, dá-se a proibição do Partido Comunista e, no dia 8 de novembro de 1926, Gramsci é preso e deportado para a ilha de *Ustica*. Na prisão, dedica-se ao que se denomina de segunda fase de sua obra, escrevendo de 1929 a 1935, os *Cadernos da Prisão*.

Em janeiro de 1927, o tribunal condena Gramsci por complô contra a segurança do Estado, instigação à guerra civil, excitação ao ódio de classe e apologia ao crime. Como apenamento, recebe a condenação a 20 anos, 4 meses e 5 dias de prisão. Transferido para a penitenciária central de *Turim*, sofre torturas físicas e morais. Recusando-se, nobremente, a pedir clemência que os emissários de Mussolini lhe faziam chegar, seu corpo sucumbe aos indescritíveis sofrimentos e, na tarde do dia 27 de abril de 1937, falece.

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de pós-graduação da faculdade de educação da UFMG; Pedagoga da rede municipal de ensino de BH.

² Professor de Direito da PUC-MG. NETE/UFMG. Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação FAE/UFMG. Graduado em Filosofia pelo ISIS/PUC-RJ e Direito pela PUC-MG. Mestre em Filosofia do Direito pela UFMG.

A atividade de Gramsci centra-se em alicerçar a unidade da classe operária e do campesinato, como condição necessária da vitória do povo. Extrai-se do *L'Ordine Nuovo* (1919 – 1920) a análise gramsciana da luta de classes na Itália de sua época:

A fase atual da luta de classes na Itália é a fase que conquista do poder político pelo proletariado revolucionário, para a precede ou a passagem a novos modos de produção e de distribuição que permitam um restabelecimento da produtividade, ou uma tremenda reação por parte da classe proprietária e da casta governativa. (...) As forças operárias e camponesas carecem de organização e de concentração revolucionária porque os organismos diretivos do Partido Socialista revelaram não compreender absolutamente nada da fase de desenvolvimento que a história nacional e internacional atravessa no período atual, e não compreender nada acerca da missão que incumbe aos organismos de luta do proletariado revolucionário. (GRAMSCI, Antonio. Obras escolhidas. São Paulo: Martins Fontes, 1978. p. 240).

Outro ponto a considerar é o interesse de Gramsci pela educação, suas reflexões sobre esse campo subjazem de sua trajetória de vida, em que o sentimento de revolta construído quando criança, pela falta de oportunidade natural do acesso à escola para todos, pois as escolas eram destinadas apenas aos ricos, fizeram repercutir um desejo de uma educação diferente da qual está posta no seu tempo, e da qual teve que se esforçar muito para ter seu ingresso. Sua indignação é apresentada em 1916 no seu artigo *Uomini o macchine?*³, denunciando a estrutura que exclui os pobres das escolas médias e superiores de cultura, proporcionando-lhes apenas o ingresso nos institutos técnicos e profissionais.

Nesse sentido, o pensamento do jovem Gramsci se aprofunda no período da prisão. Ele elabora uma análise de concepção de mundo, em que a educação tem um papel preponderante numa perspectiva mais ampla, não apenas de limitação ao âmbito das escolas, mas permeando às diversas relações institucionalizadas pelos humanos e assim, seu pensamento expressava um dilatamento natural da idéia de escola.

Em seus escritos Gramsci analisa a organicidade entre o trabalho e a educação, em que a complexidade das relações estabelecidas entre os homens e também com a própria natureza, que é efetiva, não somente pelo homem, por fazer parte da natureza, mas, enquanto ativamente ele, humano, se relaciona com a natureza pelo trabalho e pela técnica. Dessa forma, a educação é um processo de constituição do homem que humaniza e se transforma através de suas múltiplas atividades: naturais e sociais. A transformação da concepção de mundo, para o pensamento gramsciano se estabelece no coletivo, através do trabalho, na existência humana em suas multiplicidades de relações.

Essa concepção ampla de educação de Gramsci como um processo de intercâmbio de relações, compreendia como ser humano que deve se desenvolver constantemente na dinâmica histórica do próprio trabalho industrial. O ideal de educação seria atingir os níveis mais complexos do científico e da cultura, a partir do senso comum, para que o ser humano se inteirando criticamente do mundo,

³ Homens ou máquinas do Avanti!

pudesse agir de forma coerente na concretização de uma *norma de conduta* buscando converter numa vontade coletiva a *reforma intelectual e moral*.

Para Gramsci a concepção ampla de educação não excluía a escola, que a considerava como formadora de intelectuais e a principal agência na sociedade civil. Assim sendo, as escolas deveriam ser financiadas pelo Estado que garantiria o caráter público e gratuito, mas com autonomia pedagógica.

A escola para Gramsci deveria ser unitária, não tendo dicotomia entre o trabalho intelectual e o trabalho industrial. Essa organicidade do trabalho da escola é proposta em dois momentos. Numa primeira fase, aproximadamente de três a quatro anos, trabalharia a leitura, a escrita, a matemática e noções do Estado e da sociedade. Já numa segunda fase, compreendida de cinco a seis anos, a ação pedagógica enfatizaria o caráter científico indissociável do trabalho.

Eis o porque, na escola unitária, a última fase de ser concebida e organizada com base decisiva, na qual se tende a criar os valores fundamentais do "humanismo", a autodisciplina intelectual e a autonomia moral necessárias a uma posterior especialização, seja ela de caráter científico (estudos universitários), seja de caráter imediatamente prático-produtivo (indústria, burocracia, organização das trocas etc). O estudo e o aprendizado dos métodos criativos na ciência e na vida deve começar nesta última fase da escola, e não deve ser mais um monopólio da universidade ou ser deixado ao acaso da vida prática: esta fase escolar já deve contribuir para desenvolver o elemento da responsabilidade autônoma nos indivíduos, deve ser uma escola criadora.⁴

O pensamento de Gramsci em relação à escola previa uma transformação da própria sociedade pelas engrenagens das relações postas na escola que passaria a formar o cidadão político, o intelectual com autonomia moral numa dialética entre a ciência e o trabalho.

⁴ GRAMSCI, A. Marx e a pedagogia moderna. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1991, p.124.